

## URSS, um novo mundo e O mundo do socialismo



Por **GIULIA OLEANI BATAGLINI BENATTI\***

*Comentário sobre a reunião de dois livros de Caio Prado Júnior*

Apesar da inequívoca atualidade do pensamento de Caio Prado Júnior, parcela significativa das obras do historiador permaneceu, por décadas, sem reedição. Coordenada por Luiz Bernardo Pericás e publicada pela editora Boitempo, a coleção "Caio Prado Júnior" consiste em uma rica iniciativa, já há muito necessária, de ampliar e facilitar a difusão da obra caiopradiana, para além dos clássicos que formaram uma corrente própria na formação do pensamento social brasileiro. Após a publicação de *História e Desenvolvimento*, uniu-se, em um só volume, seus dois livros a respeito da União Soviética (URSS) – *URSS, um novo mundo* e *O mundo do socialismo*.

### 1.

De sua primeira visita à pátria do socialismo, realizada em 1933, resultou *URSS, um novo mundo*. Com o retorno ao Brasil, o historiador apresenta duas conferências no Clube dos Artistas Modernos e é reiteradamente demandado por novas palestras. A fim de não se repetir, sem implicar prejuízos à veiculação das informações, aceitou a proposta da Companhia Editora Nacional e publicou em 1934 a obra em comento; no mesmo ano em que Caio Prado Júnior ocupou a presidência regional da Aliança Nacional Libertadora em São Paulo (1935), o livro recebeu uma segunda edição, rapidamente retirada de circulação a mando do governo Vargas.<sup>[1]</sup>

O escrito se insere em um contexto de grande interesse pela URSS, com publicações consideravelmente tendenciosas, tanto em termos positivos<sup>[2]</sup> quanto negativos.<sup>[3]</sup> *A priori*, o autor se propõe a um "depoimento imparcial".<sup>[4]</sup> Nota-se sua preocupação em desmistificar a imagem veiculada pela propaganda dos países capitalistas acerca do caráter repressivo do regime soviético – tema que inaugura o primeiro capítulo, sobre a organização política. Narra episódios em que presenciou a inserção ativa das massas na ordem política e, partindo da violência como pressuposto das transformações sociais, aduz ser a democracia indissociável da ditadura do proletariado, dado que a força e violência em que essa se apoia, nos termos da definição leninista<sup>[5]</sup>, são monopolizadas pela classe proletária para a destruição da sociedade burguesa e construção da sociedade socialista.

Trata-se de uma crítica direta aos partidos social-democratas, chegando até mesmo a cravar que "o socialismo só será realizado pelo partido que seguir as pegadas dos bolchevistas, isto é, pela insurreição armada".<sup>[6]</sup> Para Caio Prado Júnior, a organização dos soviets – mobilização das massas de trabalhadores para exercício efetivo do poder político e concentração dos poderes Executivo e Legislativo – evidenciava o "conteúdo visceralmente democrático do regime soviético",<sup>[7]</sup> que justamente por efetivar a organização do proletariado em classe dominante, inviabilizaria a realização do que denominava como a ditadura de um partido. Nesse sentido, o autor destaca que, embora único, o PCUS se estruturava

em células distintas e constituía a vanguarda política do proletariado – sujeita a um rigoroso controle para ingresso e permanência –, ao passo que a existência de outro partido somente se formaria ante uma oposição ao proletariado a fim de concretizar “um obstáculo à realização das finalidades revolucionárias”.<sup>[8]</sup>

O repúdio às tentativas de “comunismo por decreto” dá ensejo à discussão do segundo capítulo em torno da organização econômica da URSS. Para o autor, que observou como a transitoriedade do socialismo implica a coexistência de elementos típicos de modos de produção distintos, interessava justamente compreender como estava se operando, concretamente, a passagem do capitalismo para comunismo.

De início, discorre com muito entusiasmo a respeito do planejamento, formado pelos planos quinquenais e cifras de controle, como estratégia de equilíbrio econômico. Em seguida, passa a tratar mais especificamente da heterogeneidade evolutiva da socialização soviética – apenas o setor industrial ficou sob monopólio estatal, ao passo que a agricultura e o comércio se organizaram, majoritariamente,<sup>[9]</sup> em cooperativas, pertencentes e dirigidas por seus membros.

De acordo com o historiador, esses dois setores sofriam influência de resquícios da Nova Política Econômica, principalmente a agricultura. À época, as cooperativas de produção agrícola (*colcozes*) se dividiam entre os *artels* e comunas. Nessas, com exceção de itens de consumo pessoal, tudo era coletivo. Já nos *artels* apenas a produção principal era coletivizada, conservando-se o trabalho individual e privado nas pequenas culturas. As comunas são descritas como uma espécie de fazenda-modelo, cujo formato mantinha-se minoritário por constituir “um estágio avançado da ideologia camponesa”<sup>[10]</sup> se comparada ao camponês médio, ainda muito atrelado à propriedade privada. Aliás, o autor pontua que essa “mentalidade pequeno-burguesa de produtores independentes”<sup>[11]</sup> era responsável por conservar a existência dos mercados colcozianos, regulados segundo oferta e demanda, onde se vendia a produção não adquirida pelo Estado.

No terceiro capítulo, encontra-se a posição de Caio Prado Júnior acerca de aspectos de diferentes matizes da organização social. No que diz respeito às relações sociais, pondera que, não obstante a presença da desigualdade material, a emulação socialista do trabalho evitou a hierarquização da ordem social, fator que, simbolicamente, refletia no pronomes de tratamento único com que todos indistintamente se tratavam – camarada.

Sobre a família, identificou um “processo de dupla emancipação da mulher e dos filhos do poder paterno”,<sup>[12]</sup> a partir de uma reorientação do direito soviético em prol dos interesses de cada um dos membros da família, em vez de tutelar a instituição familiar. Antes de encerrar o capítulo, elabora alguns comentários a respeito das atividades religiosas na URSS, com destaques à coexistência de intensa propaganda antirreligiosa e liberdade da população para professar sua fé, seja qual fosse.

As críticas mais expressivas à URSS se concentram no quarto capítulo, que realiza um certo balanço das realizações do regime. Em síntese, ele reconhece o salto da indústria pesada, porém não ignora os problemas em termos de qualidade e eficiência produtiva, os quais reputa, essencialmente, à insuficiência de diretores, técnicos e operários qualificados. Além disso, elenca uma série de equívocos no que diz respeito à logística de distribuição de mercadorias. Para Caio Prado Júnior, a possibilidade de reversão desse quadro estaria no progresso de ordem intelectual que já se iniciara na URSS, com o incremento do acesso à educação formal e a redução do índice de analfabetos a patamares inferiores a 10% da população soviética.

## 2.

O historiador retornará à URSS em 1960 – em uma jornada que se estendeu até a China Popular –, poucos meses após fundar, junto com intelectuais como Florestan Fernandes, a União Cultural Brasil-União Soviética.<sup>[13]</sup> Nesse ínterim de 27

anos entre as duas visitas, o mundo assistiu ao triunfo das revoluções chinesa, com o início do Grande Salto em 1958, e cubana – declaradamente socialista a partir de 1961 –, sem esquecer, por óbvio, da vitória do exército soviético sobre os nazistas em 1945. No que diz respeito à produção teórica, até 1960, além de *URSS, um novo mundo*, Caio Prado Júnior publicou obras que revolucionaram a historiografia brasileira (*Formação do Brasil contemporâneo* e *História econômica do Brasil*); ingressou no campo filosófico com *Dialética do conhecimento* e *Notas introdutórias à lógica dialética*; recebeu o título de livre-docente com a tese *Diretrizes para uma política econômica brasileira*; e publicou *Esboços dos fundamentos da teoria econômica*.

Com a primeira edição datada de 1962,<sup>[14]</sup> as primeiras linhas de *O mundo do socialismo* denotam a maturidade intelectual de seu autor, que renunciou de início a qualquer tentativa de parecer imparcial e declarou-se, desde logo, um comunista. O livro concentra-se em confrontar capitalismo e socialismo desde um ponto de vista de suas distinções essenciais e históricas, que residem fundamentalmente “na forma de apropriação dos meios de produção”.<sup>[15]</sup> A natureza antagônica do capitalismo, em que a obstinação pelo lucro gera um conflito de caráter tanto interclasse quanto intraclasse, é contrastada com a organização cooperativa elementar do socialismo.

Preocupado em fornecer respostas concretas para problemas concretos, Caio Prado Júnior não instrumentalizou sua acertada rejeição a leituras mecanicistas para se furtar da elaboração teórica de elementos constitutivos do socialismo. A substituição da livre-iniciativa privada, como consequência da abolição da propriedade privada dos meios de produção, “pelo ordenamento e pela coordenação da ação econômica em função do interesse coletivo”,<sup>[16]</sup> seria, de acordo com ele, a característica invariável do socialismo, ainda que a esse não se chegasse por um único caminho, dado que competiria à particularidade sócio-histórica de cada formação revelar as soluções específicas para a realização de tal objetivo. Nesse ponto, denota-se uma diferença em relação ao primeiro livro, no qual a luta armada é apresentada como a única via revolucionária factível.<sup>[17]</sup>

A discussão em torno da propriedade privada dos meios de produção e da liberdade econômica como características fulcrais do modo de produção capitalista é apresentada no segundo capítulo, intitulado “O problema da liberdade”. Em síntese, Caio Prado Júnior realiza um cotejo entre a liberdade formal e a liberdade concreta. Aponta que, no capitalismo, a forma jurídico-política consiste na democracia burguesa, a qual pressupõe igualdade jurídica, e, por consequência disso, reconhece todos, sem distinção, como sujeitos de direitos, livres para pactuarem trocas.

Para tanto, impõe-se um exercício de abstração que retira os indivíduos de suas condições concretas, dado que a desigualdade material é incontornável em uma estrutura determinada pela cisão entre detentores dos meios de produção e detentores da força de trabalho. Por outro lado, no socialismo, a liberdade seria regulada a partir do interesse coletivo, de modo que o indivíduo “mesmo quando contrariado nas suas pretensões, o será na base de um interesse geral, não de vontades e decisões individuais e particularistas”.<sup>[18]</sup> Conclui a liberdade como meio e não fim, definindo-a como “a faculdade [...] de o indivíduo se realizar, isto é, dar vazão às suas potencialidades e fixar em função delas suas aspirações, logrando alcançá-las”.<sup>[19]</sup>

O Estado socialista consiste no objeto de análise do terceiro capítulo. Caio Prado Júnior afirma que a presença do aparelho estatal requer a existência de uma classe dominante. A distinção essencial apresentada reside no fato de que, enquanto o Estado burguês tem como finalidade estabelecer e assegurar a ordem jurídica para perpetuar o modo de produção capitalista e, ao fim e ao cabo, a dominação de uma classe sobre a outra, o Estado socialista visa realizar o socialismo, no sentido de eliminar a divisão classista da sociedade e, “na medida em que vai realizando sua finalidade, perde também a característica essencial de “Estado”, a saber, a de órgão de dominação de classe”,<sup>[20]</sup> limitando-se progressivamente a tarefas administrativas.

No quarto capítulo, retoma-se a temática do Partido Comunista (PC), já apresentada na obra anterior. Segundo o historiador, ao contrário do que ocorre nos partidos burgueses e mesmo social-democratas, o Partido Comunista deve ser

# a terra é redonda

composto pela vanguarda política do proletariado, pois, com o início da transformação socialista, ele é alçado à condição de “órgão condutor e dirigente de todo processo histórico de transformação social”<sup>[21]</sup>, a quem compete, a partir da unidade entre teoria e prática, reorganizar o país sobre bases socialistas, tanto em termos econômicos e políticos, como para a construção do “homem novo” do socialismo, isso é, “fazer do homem individualista de hoje, produto do capitalismo, o homem socialista de amanhã”.<sup>[22]</sup>

Por fim, o último capítulo é dedicado à marcha para o comunismo. À luz das conclusões do XXII Congresso do PCUS, o autor divide a análise consoante as duas partes do brocardo comunista – “de todos segundo suas possibilidades” e “a todos segundo suas necessidades”.<sup>[23]</sup> Quanto a essa, os salários ainda eram proporcionais ao esforço produtivo de cada indivíduo e à contribuição social resultante seu trabalho. No entanto, Caio Prado Júnior aponta que já se verificava a distribuição gratuita de uma parcela do produto social com serviços públicos.

Assim, nesse particular, o caminho não estaria no igualitarismo forçado, mas no “aumento e extensão desses bens e serviços postos gratuita e indiscriminadamente à disposição de um número sempre crescente de cidadãos”.<sup>[24]</sup> Sobre o primeiro princípio, a emulação socialista do trabalho e as distinções de ordem moral e o prestígio social conferidos ao trabalhador assegurariam que cada indivíduo desse o máximo de si, ainda que inexistisse distinção em termos de recompensa material.

No plano político, além da crescente integração entre as massas e os soviets, a marcha se evidenciava ante a redução da esfera de atuação do Estado, denotada por Caio Prado Júnior no estabelecimento de uma espécie de polícia comunitária de caráter preventivo; na esfera punitiva, “a sanção usual do castigo e da pena dá lugar à persuasão e aos métodos educativos”,<sup>[25]</sup> inclusive a partir da dissuasão oriunda da opinião popular, tudo processado pelos “tribunais de camaradas”. Assim, substitui-se a imposição estatal autoritária pela autogestão e administração comunitária. Ou seja, um caminho de autofagia cuja própria dinâmica opera a partir do progressivo desaparecimento do aparelho estatal.

Ao final do livro, o autor não hesita em qualificar o socialismo como “a resposta dos fatos e a solução que a história dá aos problemas e contradições gerados no próprio seio do capitalismo”.<sup>[26]</sup> Ainda que seguro da superação do modo de produção capitalista, nas considerações finais de *URSS, um novo mundo*, fez questão de salientar que “a questão mais importante não é a do socialismo em si. É a do caminho que para lá conduz”.<sup>[27]</sup>

Propõe-se ao leitor que trate as obras resenhadas, agora unidas em volume duplo, sob esse mesmo prisma. Mais importante que os relatos sobre a URSS em si – sem negar a relevância documental que possuem –, talvez a grande contribuição desses textos seja justamente complexificar a compreensão do pensamento caiopradiano, não apenas no que concerne à diacronia, mas também com elaborações teóricas sobre elementos como as questões do Estado e da ideologia, que extrapolam o que tradicionalmente se debate a partir das obras mais consagradas. Caio Prado Júnior é um intelectual que se mantém imprescindível para formar interpretações do que já foi o Brasil e para projetar o que ele ainda pode ser.

**\*Giulia Oleani Bataglini Benatti é mestrandia em criminologia pela Faculdade de Direito da USP.**

## Referência

---

Caio Prado Júnior. *URSS, um novo mundo e O mundo do socialismo*. São Paulo, Boitempo, 2023. 286 págs (<https://amzn.to/449N3b3>).

## Notas

<sup>[1]</sup> PERICÁS, Luiz Bernardo. *Caio Prado Júnior: uma biografia política*. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 81-95 (<https://amzn.to/3s65kZj>).

<sup>[2]</sup> Ver EDMUNDO, Cláudio. *Um engenheiro brasileiro na Rússia*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933; e PEREIRA, Astrojildo. *URSS Itália e Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2022.

<sup>[3]</sup> Ver FARIA, Octavio de. *O destino do socialismo*. Rio de Janeiro: Ariel Editora, 1933; e NAPAL, Dionisio. *O império Soviético*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1934.

<sup>[4]</sup> PRADO JÚNIOR, Caio. *URSS, um novo mundo; O mundo do socialismo*. São Paulo: Boitempo, 2023, p. 46.

<sup>[5]</sup> KAUTSKY, Karl; LENIN, Vladimir Ilitch. *A ditadura do proletariado / A revolução proletária e o renegado Kautsky*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979, p. 95-104.

<sup>[6]</sup> PRADO JÚNIOR, Caio. Op. cit., p. 147.

<sup>[7]</sup> Ibid., p. 59.

<sup>[8]</sup> Ibid., p. 63.

<sup>[9]</sup> Isso porque o Estado era proprietário de fazendas (*sovcozes*) e dos armazéns de Estado.

<sup>[10]</sup> PRADO JÚNIOR, Caio. Op. cit., p. 92.

<sup>[11]</sup> Ibid., p. 102.

<sup>[12]</sup> Ibid., p. 115.

<sup>[13]</sup> PERICÁS, Luiz Bernardo. Op. cit., p. 172.

<sup>[14]</sup> Sobreveio a segunda edição naquele mesmo ano e a terceira em 1967.

<sup>[15]</sup> PRADO JÚNIOR, Caio. Op. cit., p. 163.

<sup>[16]</sup> Ibid., p. 174.

<sup>[17]</sup> Sobre a mudança de perspectiva a respeito da luta armada, ver PERICÁS, Luiz Bernardo. Op. cit., p. 225-238.

<sup>[18]</sup> PRADO JÚNIOR, Caio. Op. cit., p. 191.

<sup>[19]</sup> Ibid., p. 207.

<sup>[20]</sup> Ibid., p. 217.

<sup>[21]</sup> Ibid., p. 229

<sup>[22]</sup> Ibid., p. 232

<sup>[23]</sup> Ibid., p. 246.

<sup>[24]</sup> Ibid., p. 253.

<sup>[25]</sup> Ibid., p. 263.

<sup>[26]</sup> Ibid., p. 270.

<sup>[27]</sup> Ibid., p. 147.

---

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.  
Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**